

OS SINTOMAS DO INCONSCIENTE



ÉCOLE DE PSYCHANALYSE DES FORUMS DU CHAMP LACANIEN - FRANCE

Interrogamos, com esse título, o modo como o inconsciente se manifesta, os seus signos. Mas, antes do “como”, há a questão de seu lugar : onde ele se atesta?

Onde?

O inconsciente foi inventado por Freud a partir de uma prática específica, desenvolvida no “dispositivo”, por ele inaugurado, da associação livre / interpretação, que promove o que Lacan nomeou um discurso, ou seja, um novo laço social. Daí, a tese: o inconsciente não “ex-siste” senão a um discurso. Ele se deve, entretanto, ao fato de o homem ser, desde sempre, um falante, ainda que a prova de sua existência “ex-time” seja histórica, datada desde Freud.

Aí se insere a questão sobre o futuro da psicanálise e também sobre o diálogo de surdos, sempre presente e atual, entre o psicanalista e todos os outros, amáveis ou não. O problema, eminentemente político, é saber como “o desejo do psicanalista pode se situar nessa conjuntura”, como diz Lacan. Poderá ele fazer valer que o inconsciente verificado/reconhecido em seu discurso não é menos atestável na política?

O inconsciente no discurso analítico

I. “As formações do inconsciente”

Basta ler Freud: em suas três grandes obras dos anos 1900 ele distingue os primeiros signos, sonhos, lapsos e atos falhos, sem esquecer ainda suas afinidades com os chistes. É a partir dessas formações do inconsciente, como Lacan as nomeou, que o discurso analítico, pela via da associação livre, pode avaliar “o inconsciente como um saber”², um saber que trabalha, que trabalha por si só no falante, sem seu consentimento. Ocasão, por tanto, para voltar a todas essas formações da linguagem e à *lalíngua* que as torna possíveis. De que real são elas os vetores?

II. Os sintomas

Entretanto, antes da *talking cure*, é outra coisa que se apresenta a Freud: os sintomas da neurose, recorte do corpo histérico, cisalha do pensamento obsessivo, objetando a primeira à anatomia e o segundo às finalidades da função corporal.

Para Freud, todas são, de partida, formações que ele qualifica de sexuais. Elas implicam os gozos do corpo e não são menos formações do inconsciente-linguagem que as precedentes, uma vez que são decifráveis.

Será preciso, portanto, que nos interroguemos novamente como o inconsciente, que Lacan rebatizou com o nome falasser [parlêtre] tem seu lugar no corpo tanto quanto no dito psiquismo, sendo, ao mesmo tempo, referido à forma e ao gozo real.

III. A suposição do inconsciente

Atestado/certificado no discurso analítico, o inconsciente supõe a transferência, ou seja, essa relação ao sujeito suposto saber “que é uma manifestação sintomática do inconsciente”³, diz Lacan, sem esquecer, evidentemente, mesmo que isso seja estruturalmente secundário as incidências de afeto - “amódio” (“hainamoration”).

A transferência está no ponto de partida de cada psicanálise “graças (...) ao psicanalisante”⁴, que, sendo perturbado em seu sono, em sua palavra, em suas ações, em seus projetos e em seu corpo pelos sintomas do seu inconsciente, pode fazer deles uma questão, ou seja, apelando ao suposto saber.

Ele pode; mas, sendo o possível, por definição, isso que pode não advir, cabe aos psicanalistas tomá-lo a seu encargo, o que nos leva de volta à questão política do início.

Colette Soler

Traduit par Sylvana Clastres, complété par Maïto Bittencourt.

* Argumento sobre o tema das Jornadas Nacionais da EPFCL de 24 et 25 novembro 2018, em Paris. Os sintomas do inconsciente

¹J. Lacan, “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, *Outros Escritos*, Ed.Zahar, Rio de Janeiro 2003, p. 263

²J. Lacan, *Televisão*, Ed. Zahar, Rio de Janeiro, 1993, p.30/31.

³*Ibid.*, p. 75.

⁴J. Lacan, Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola”, *op.cit.*, p. 252.